

## A CRÍTICA SOCIAL EM LIMA BARRETO E A MODERNIDADE LÍQUIDA: UM LAPSO DE 100 ANOS

SOCIAL CRITICISM IN LIMA BARRETO AND THE LIQUID MODERNITY: A LAPSE OF  
100 YEARS

LA CRÍTICA SOCIAL EN LIMA BARRETO Y LA MODERNIDAD LÍQUIDA: UN LAPSO DE  
100 AÑOS

**Roberto Remígio Florêncio**

Doutorando em Educação (UFBA). Professor Efetivo IF Sertão Pernambucano.  
E-mail: betoremigio@yahoo.com.br

**Carlos Alberto Batista dos Santos**

Doutor em Etnobiologia (UFRPE). Professor-orientador do Programa de Pós-graduação em Ecologia Humana (UNEB). Professor Titular (UNEB). E-mail: cacobatista@yahoo.com.br

### RESUMO

O presente artigo procura exercitar reflexões sobre alguns aspectos socioculturais da contemporaneidade, buscando situar o leitor em torno do Brasil do século XIX, retratado pelo romancista Lima Barreto (1881-1922), em contrapartida com o mundo tecnológico do século XXI, analisado sob a ótica de filósofos como Zygmunt Bauman (1925-2017) e Alvin Toffler (1928-2016). Ao se confrontarem com perturbadoras semelhanças nos comportamentos ético-morais, os pesquisadores empreendem uma análise crítica da atual situação político-econômico-social a que os brasileiros estão subjugados, tal como os bruzundangas, há cerca de 100 anos. Para chegar às conclusões edificadas, foram utilizados, além de Bauman (2000; 2010) e Toffler (1970; 1980), os estudos de contemporâneos das ciências humanas, com ênfase na educação —Morin (2003) e Freire (1999, 2009)—, além dos noticiários de jornais, sites e revistas. Ao se estabelecer esta proposta, busca-se evidenciar traumatismos socioculturais cruciais para se compreender a sociedade atual e o sistema educacional brasileiro. As considerações finais apresentam incompletudes e diagnósticos não conclusivos de um país complexo, continental e multicultural, mas acabam por expor mazelas (sociais e existenciais) de uma sociedade racista e intolerante, e que, ao olhar mais aprofundado, pouco se modificou.

**Palavras-chave:** Sociedade Brasileira. Moral e Ética. Educação.

### ABSTRACT

This article seeks to exercise reflections on some sociocultural aspects of contemporary times, seeking to situate the reader around 19th century Brazil, portrayed by novelist Lima Barreto (1881-1922), in contrast to the 21st century technological world, analyzed from the perspective of philosophers like Zygmunt Bauman (1925-2017) and Alvin Toffler (1928-2016). When confronted with disturbing similarities in ethical-moral behaviors, the researchers undertake a critical analysis of the current political-economic-social situation to which Brazilians have been subjected, similarly to bruzundangas, for about 100 years. To reach the constructed conclusions, in addition to Bauman (2000; 2010) and Toffler (1970; 1980), studies of contemporaries in the humanities were used, with an emphasis on education —Morin (2003) and Freire (1978; 2009)—, besides the news in newspapers, websites and magazines. In establishing this proposal, we seek to highlight crucial socio-cultural conflicts to

understand the current society and the Brazilian educational system. The final considerations present incompleteness and non-conclusive diagnoses of a complex, continental and multicultural country, however they end up exposing the problems (social and existential) of a racist and intolerant society, which, when deeply examined, has changed little.

**Keywords:** Brazilian Society. Morals and Ethics. Education.

### RESUMEN

El presente artículo trata de ejercitar reflexiones sobre algunos aspectos socioculturales de la contemporaneidad, buscando ubicar al lector alrededor del Brasil del siglo XIX, retratado por el novelista Lima Barreto (1881-1922), en contrapartida con el mundo tecnológico del siglo XXI, analizado bajo la óptica de filósofos como Zygmund Bauman (1925-2017) y Alvin Tofler (1928-2016). Al confrontarse con perturbadoras semejanzas en los comportamientos ético-morales, los investigadores se proponen hacer un análisis crítico de la actual situación político-económico-social a la que los brasileños están sometidos, como estaban los bruzundangas, hace casi 100 años. Para llegar a las conclusiones, se utilizaron, además de Bauman (2000; 2010) e Toffler (1970; 1980), los estudios contemporáneos de las ciencias humanas, con énfasis en la educación —Morin (2003) y Freire (1978; 2009)—, además de noticieros en periódicos, páginas web y revistas. Al definirse esta propuesta, se busca evidenciar traumas socioculturales cruciales para comprender la sociedad actual y el sistema educacional brasileño. Las consideraciones finales presentan incompletitudes y diagnósticos no conclusivos de un país complejo, continental y multicultural, pero acaban por exponer dolencias (sociales y existenciales) de una sociedad racista e intolerante, y que, bajo una mirada más acuciosa, poco ha cambiado.

**Palabras-clave:** Sociedad Brasileña. Moral y Ética. Educación.

### INTRODUÇÃO

No presente estudo, propomo-nos construir uma reflexão crítica sobre as mazelas ético-sociais apresentadas por Lima Barreto há cerca de cem anos, em seu romance “Os Bruzundangas<sup>1</sup>”, e que se tornam cada vez mais atuais e dinâmicas. Ao efetivar uma leitura crítica da obra, ao atento leitor, de imediato, surgem algumas inquietações que poderiam ser assim explicitadas: A quem interessa a manutenção do nosso país na atual posição socioeconômica? Quem ganha com o Brasil “deitado eternamente” na categoria do subdesenvolvimento em que se encontra há décadas? Quem se orgulha com esse pódio de campeão do Terceiro Mundo? Que perspectivas mantêm o povo brasileiro movido a esperanças?

---

<sup>1</sup> Romance pré-modernista brasileiro, publicado postumamente, cujos direitos autorais foram vendidos ao editor Jacintho Ribeiro dos Santos em 1917 pelo seu autor, Lima Barreto, em grandes dificuldades financeiras e de saúde. Para este manuscrito, foram utilizados diversos exemplares do livro, incluindo a edição da Editora L&PM Editores, de 1998, São Paulo.

Aqui, usaremos a temática da Educação — “direito de todos e dever do Estado”, como frisam a nossa Constituição Federal, a LDB e todas as diretrizes da Educação Pública — como perspectiva norteadora das análises, a partir do questionamento: Qual o papel da educação na manutenção das estruturas vigentes (de corrupção, imoralidade, descrédito, procrastinação, ganância, etc)?

À guisa de prefácio, Barreto (1998, p. 12) diz:

Na *Arte de furtar*, que ultimamente tanto barulho causou entre os eruditos, há um capítulo, o quarto, que tem como ementa esta singular afirmação: “Como os maiores ladrões são os que têm por ofício livrar-nos de outros ladrões”.

Assim, Barreto inicia sua obra deixando claro, para uma crítica desacostumada, o seu estilo direto, objetivo e popular de escrita, o que lhe rendeu o ostracismo e a pobreza em vida. Filho da periferia, pobre e mulato, Afonso Henriques de Lima Barreto esteve internado diversas vezes por questões de alcoolismo e depressão, facilmente confundidos com esquizofrenia e loucura. Nascido em 13 de maio de 1881 (inauguração do Realismo, por Machado de Assis), faleceu aos 41 anos, em pleno apogeu do Modernismo (ano da Semana de Arte Moderna). Morador de favelas cariocas, esteve sempre à margem da sociedade, tendo sido suas obras identificadas como cânones literários apenas após a sua morte. O escritor morreu em um manicômio, em 1922, deixando importantes obras da Literatura Pré-modernista Brasileira, entre elas, os romances “Triste fim de Policarpo Quaresma” e “Clara dos Anjos”, além de diversos contos, entre os quais se destacam “A Nova Califórnia” e “O homem que sabia javanês”.

Em sua obra “*Os Bruzundangas*”, Barreto apresenta as mazelas de um país fictício, em que problemas e crimes como nepotismo, corrupção, racismo e exploração (dos bens naturais ou de outros seres humanos) são práticas comuns em uma sociedade sem ética, embebida na mediocridade e no conformismo, que em nada contribui para o desenvolvimento de sua terra. Não que essa temática tenha sido novidade na Literatura Brasileira ou nas Artes Plásticas, mas, levando em consideração que o referido romance foi escrito em 1917, por um escritor mestiço, favelado e de família inexpressiva para a sociedade da época, é possível compreender por que o lançamento póstumo da obra possa ter acontecido no mesmo ano da

Semana de Arte Moderna e do centenário da Independência do Brasil em relação à dominação da Coroa Portuguesa – 1922. Havia um espírito de ruptura pairando nos ares do Brasil, ainda que tenhamos que admitir que a Semana de Arte Moderna foi um movimento de corpo e alma elitistas.

Com o referido romance, Barreto apresenta uma narrativa satírica por excelência, de analogia “quase” explícita, segundo Bossi (1994). “Valendo-se do feliz expediente de Montesquieu, nas *“Cartas Persas”*, imaginou um visitante estrangeiro a descrever a terra de Bruzundanga, nada mais nada menos que o Brasil do começo do século” (BOSSI, 1994, p. 323). É indelével o forte empenho ideológico da obra, mas o autor consegue transcender as próprias frustrações e se encaminhar para uma crítica objetiva das estruturas que definiam a sociedade brasileira do tempo (BOSSI, 1994). Fica óbvia a metáfora com Brasil, evidenciada em toda a história, ainda que o narrador não pareça nem um pouco revoltado com o preconceito sofrido por negros, suburbanos, pobres, doentes e discriminados, do qual o autor foi vítima. Trata-se de um retrato mais elaborado, pouco sutil, mas mais psicológico do que injuntivo nas questões de se fazer entender como povo, como constructo social e/ou como formação étnica.

### **Análise: romance e realidade**

A primeira edição de *“Os Bruzundangas”* foi lançada quando ele já não podia responder às críticas ou ameaças da elite incomodada. Lima morreu em novembro e o lançamento aconteceu em dezembro de 1922. No livro, o escritor escancara os vícios da República Velha (1889-1930). O livro é narrado por um visitante “brasileiro” nas terras bruzundanguenses, que divide sua percepção em capítulos temáticos bem explicativos, como “Um grande financeiro”, “O ensino na Bruzundanga”, “A sociedade” etc. As palavras de Barreto são cruciais para se entender a decrepitude ética de todas as classes da população, em especial, os políticos: “a primeira coisa que um político de lá (de Bruzundanga) pensa, quando se guinda às altas posições, é supor que é de carne e sangue diferentes do resto da população” (1998, p. 28).

Em tom satírico, Lima desanca a oligarquia de doutores que dominava a política, em que “pobres e ricos corriam” em busca dos títulos de advogado, médico e engenheiro, para que lhes assegurasse “certos privilégios e regalias”.

(...) como os senhores verão no correr destas notas, não há na maioria daquela gente uma profundidade de sentimento que a impila a ir ao âmago das cousas que fingem amar, de decifrá-las pelo amor sincero em que as têm, de querê-las totalmente, de absorvê-las. Só querem a aparência das cousas (BARRETO, 1998, p. 12).

O povo também não foi poupado da análise ferina e mordaz de Barreto. Segundo o narrador, o povo bruzungandense é doce e crente, mais supersticioso do que crente. Barreto (1998, P. 25) não perde a verve irônica ao abordar o patriotismo do povo de Bruzundanga: “O ideal de todo e qualquer natural da Bruzundanga é viver fora do país”. E continua

Convém notar que, quando digo que a ânsia geral é viver fora do país, excetuo os ativos, aqueles que sugam dos ministérios subvenções, propinas, percentagens e obtêm concessões, privilégios, etc. Estes demoram-se pouco fora dele e, seja governo o partido radical, seja governo o partido conservador, esteja o erário cheio, esteja ele vazio, sabem sempre obter fartos e abundantes recursos monetários de um modo que só eles têm o segredo. Estes senhores gostam muito da Bruzundanga e são ferozes patriotas (BARRETO, 1998, p. 29).

Enfim, o povo também é descrito em seu instinto patriótico:

A República da Bruzundanga, como toda a pátria que se preza, tem também os seus heróis e as suas heroínas. Não era possível deixar de ser assim, tanto mais que a prática sempre foi feita para os heróis, e estes, sinceros ou não, cobrem e desculpam o que ela tem de sindicato declarado. Um país como a Bruzundanga precisa ter os seus heróis e as suas heroínas para justificar aos olhos do seu povo a existência fácil e opulenta das facções que a têm dirigido. O mais curioso herói da pátria bruzundanguense é sem dúvida uma senhora que nada fez por ela, antes perturbou-lhe a vida, auxiliando um aventureiro estrangeiro que se meteu nas suas guerras civis (id. p. 36).

Ao narrar a história de Bruzundanga, Barreto apresenta nuances da impossibilidade de um verdadeiro desenvolvimento tupiniquim, seja econômica ou socialmente. O racismo e o preconceito nos paralisam, impedindo de nos percebermos enquanto múltiplos. Então, gastamos longos séculos em busca de uma identidade nacional, impossível graças à miscigenação e ao sincretismo. Por isso, aceitamos a estereotipia do carioca, malandro, sambista e futebolista. A opressão das classes trabalhadoras e o preconceito sofrido pelas “minorias” são expostas por

Barreto (1998, p. 56), bem como a manutenção do poder na mão dos poderosos hereditários:

A terra que vive na pobreza; os latifúndios abandonados e indivisos; a população rural, que é a base de todas as nações, oprimida por chefões políticos, inúteis, incapazes de dirigir a coisa mas fácil desta vida. Vive sugada; esfomeada, maltrapilha, macilenta, amarela, para que, na sua capital, algumas centenas de parvos, com títulos altissonantes disso ou daquilo, gozem vencimentos, subsídios, duplicados e triplicados, afora rendimentos que vêm de outra e qualquer origem, empregando um grande palavreado de quem vai fazer milagres.

Não é um pensamento fatalista, mas usando uma analogia de uma corrida, poderíamos dizer que, enquanto os países ricos (e desenvolvidos) viajam em trem-bala, sem esforços braçais e em velocidades inimagináveis, o Brasil aparece na disputa em sua pesada charrete de ouro e prata, puxada por cavalos baios montados por mestiços pardos que nada queriam disputar (VIANA e FLORÊNCIO, 2017). E, mais uma vez, o sistema educacional se posiciona atrasado ou completamente à margem desse processo de fissura paradigmática. Barreto possui uma explicação que se coloca muito oportuna a esta questão, ao relatar sobre aqueles que buscam a educação apenas para a ascensão social: *“quando (em geral) vão estudar medicina, não é a medicina que eles pretendem exercer, não é curar, não é ser um grande médico, é ser doutor”* (BARRETO, 1956, p. 5).

Construindo um paralelo dessa análise com a temática de Toffler (1980), podemos justificar o colonialismo ainda presente na cultura brasileira por força do sistema de exploração ocorrido no país, tanto durante os séculos XVI a XVIII, pela dominação portuguesa, quanto posteriormente e até os dias atuais, pela colonização econômico-cultural imposta pelo império norte-americano. Exemplo disso é a produção tecnológica digital que, no Brasil da infraestrutura pela metade, os sistemas de comunicação funcionam precariamente, fazendo-nos reféns das grandes multinacionais para desenvolvermos o direito humano da comunicação, da informação e do deslocamento.

Paulo Freire (1999, p. 23) defende que *“a escola é fundamental para se descobrir a razão de ser das coisas: não existe nenhuma prática que não tenha explícita ou implícita uma teoria”*, ao tempo em que classifica o modelo atual como tradicional, ultrapassado e mercadológico. Segundo o autor, vivemos hoje em uma sociedade dominada pelo interesse por algum tipo de lucro e, ao mesmo tempo, ao

lado da insegurança e do medo. Uma sociedade manipulada por interesses político-econômicos, onde não se sabe o que fazer com tanto poder, tanta disponibilidade de tempo e de tecnologia.

À educação fica a responsabilidade de mostrar o destino multifacetado do humano, seja individual, social e histórico, mas entrelaçados e inseparáveis. Morin (2003) afirma que “a afetividade pode asfixiar o conhecimento, mas pode também fortalecê-lo”. Há uma estreita relação entre inteligência e emoção: a eficiência de *uma* que cada ser humano possui pode ser afetada, diminuída ou destruída pelo déficit da *outra*. Então, enquanto a humanidade acredita na possibilidade de se eliminar o risco do erro, recalçando toda a afetividade, estaremos, no entanto, na contramão do paradigma emergente<sup>2</sup>. As emoções, como o sentimento de raiva, amizade ou outras paixões, devem estar inseridas em um processo transcendente. A escola, em uma visão holística, precisa aprender a experimentar os métodos da racionalidade não limitados à ciência, mas também compreendendo elementos da arte, cultura, sociedades, espíritos e paixões (MORIN, 2003); precisa enxergar-nos como seres sociais aprendendo a aprender, a viver em comunidade e a buscar a felicidade.

Compreendemos que não se pode culpar tão somente os professores, haja vista o fato de existir na (des)organização institucional a nível elevado fatores burocráticos que possivelmente vêm contribuindo para este cenário. Neste sentido, Alvin Toffler ao dissertar sobre a segunda onda explica o processo de padronização e especialização como característica importante da revolução industrial e vantajosa para o mercado. Esses processos podem ser vistos na educação universitária ao analisarmos as exigências (padrões) em editais e concursos públicos para professores. Este problema associado aos recentes cortes na educação pode ser associado ao elevado índice de desemprego de doutores no Brasil<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Denominamos de emergente pelos dois significados da palavra: pela emergência (no sentido de urgência proporcionado pela tecnologia digital) e por emergirem (no sentido de surgir em processo moto-contínuo das tecnologias), alicerçados pelos estudos de Edgar Morin (2003).

<sup>3</sup> Ver notícia: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/com-crise-e-cortes-na-ciencia-jovens-doutores-encaram-o-desemprego-titulo-nao-paga-aluguel.ghtml>.

**“O Brasil não tem povo, tem público”<sup>4</sup>**

Quando pensamos em sociedade e sua relação com a história da educação, podemos considerar as críticas sociais que Barreto faz da sociedade brasileira, evidenciando através de uma linguagem satírica e inteligente as mazelas e a hipocrisia que permeavam as relações sociais e políticas da época. Ao criar esse lugar fictício (Bruzundanga) para retratar a realidade do Brasil do início do século passado, o autor utiliza personagens para denunciar os desmandos de importantes personalidades políticas da época. O texto narra a sociedade dividida em classes sociais e essa divisão aparece bem clara na história da educação local, pois havia uma segregação entre a educação dirigida para a população geral, com a intenção de servir à elite, e a educação para as elites, uma preparação para o ensino superior que se cursava em Lisboa e a manutenção da sociedade de castas, exatamente como era.

Um momento particular da história da educação no Brasil que modificou a concepção de ensino e contribuiu com os moldes educacionais inclusive na atualidade, foi o movimento da Escola Nova, que no Brasil foi organizado e divulgado através do Manifesto dos Pioneiros, embora seu surgimento não tenha sido no Brasil, mas foi aqui que ganhou força dentro da educação. Com nomes como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho, teve o apoio e assinatura de pessoas influentes na época como a professora e poetisa Cecília Meireles. Criticado por ser um movimento de caráter liberal, é preciso que consideremos o contexto histórico em que foi pensado e as contribuições que teve dentro deste contexto; outros teóricos que vieram depois receberam influência destes, como Paulo Freire, que embora tenha tecido algumas críticas, foi influenciado pelos escolanovistas. Estes deixaram um legado importante para a educação que mais tarde foi desenvolvida por outros autores da contemporaneidade.

O autor da Terceira Onda faz uma análise do período que ele denomina de primeira onda, cuja principal característica era a presença da agricultura como ponto fulcral para o desenvolvimento das sociedades. Este é um lapso bastante longo, que inicia em meados do ano 800 a.C. até por volta de 1750 d.C. Após este período, ocorre

---

<sup>4</sup> Ao afirmar que “O Brasil não tem povo, tem público”, Lima Barreto faz uma apresentação da sua obra “Os Bruzundangas” (1998, p. 5), publicada apenas na edição de 1928, seis anos após sua morte.

uma mudança significativa na sociedade, pois começa a era industrial (TOFFLER, 1980). Este é o período que o autor chama de segunda onda; com o avanço industrial ao longo dos séculos XIX e XX, principalmente neste último, o setor industrial absorveu grande parte dos trabalhadores que antes atuavam na agricultura. Se por um lado a automação tomou o lugar dos trabalhadores, por outro lado houve um crescimento no setor de serviços que acabou absorvendo boa parte dos que ficariam fora do mercado de trabalho devido à automação.

Com o avanço das tecnologias digitais, temos o início da chamada Terceira Onda. Para Toffler, este período se inicia por volta da década de 1950 no Estados Unidos, com a entrada dos computadores nos negócios, a universalização da televisão; as novas tecnologias vão se ampliando e cada vez mais passam a fazer parte da vida das pessoas. Neste sentido o homem da terceira onda tem que se adaptar a esta nova realidade, em que o computador e a Internet tiveram papéis muito importantes. Com isto houve um movimento contrário à segunda onda, pois as pessoas passaram a fazer parte de suas atividades, inclusive laborais, dentro de casa, através do uso dos computadores e da Internet, o que permitiu dividir melhor o tempo e reduzir gastos com funcionários por exemplo. Nesta fase a fábrica deixa de ser o centro e a casa volta a ter centralidade. O homem da terceira onda vive com as tecnologias e avanços científicos, porém convive com a miséria e as mazelas sociais (TOFFLER, 1980).

Interessante pensarmos como a educação também acompanha este movimento de mudanças. As tecnologias, por exemplo, às quais o autor da Terceira Onda faz referência, se fazem presentes não apenas na vida cotidiana das pessoas, como também no contexto educacional; os cursos de modalidade a distância não deixam de crescer, ou seja, os recursos das tecnologias da informação também são utilizados na educação.

Concomitante a isto, a força impulsionadora do desenvolvimento tecnológico a todo custo é também causadora de uma alienação sem precedentes nas relações interpessoais. O mundo era outro há tão pouco tempo. Toda a sociedade atual se desumaniza perante nossos olhos, de forma categórica e egocêntrica. O não-contato pessoal e o não-falar se tornam a regra e os elementos básicos que fazem do animal um ser humano — como a comunicação e o ensino —, passaram a ser desenvolvidos

de uma maneira excludente, maniqueísta e autoritária. O autodidatismo é supervalorizado e a aprendizagem apresenta a sua cruel configuração: o saber está diretamente veiculado ao poder e é apenas para isso que serve. A instrução passa a ser moeda de troca na manutenção do poder. Amparados em Bauman (2000, p. 18),

na era em que vemos, como tendências sem freios, homens e mulheres serem reformulados no padrão da toupeira eletrônica, essa orgulhosa invenção dos tempos pioneiros da cibernética imediatamente aclamada como arauto do porvir: um plugue em castores atarantados na desesperada busca de tomadas a que se ligar.

Podemos dizer que a sociedade não tem percebido a sua própria desintegração enquanto resultado da nova técnica de poder, “que tem como ferramentas principais o desengajamento e a arte da fuga” (2000, p. 17). Um novo tipo de escravidão se agiganta.

### **Triste fim<sup>5</sup> de um triste começo**

O fato é que enfrentamos um período de comunicação e conhecimentos extremos e imediatos, e isto nos parece unânime e indiscutível, tanto que muitos filósofos da contemporaneidade desenvolvem análises muito aproximadas sobre a realidade. Poucos ousam fazer alguma previsão do próximo passo da humanidade. Todos parecem concordar sobre as emergências ocorridas no final do século XX e o radicalismo das mudanças pessoais, profissionais e sociais ocorridas no jovem século XXI. Bauman (2000, p. 45), por exemplo, avalia a contemporaneidade intensificada pela urgência tecnológica:

A aceleração do ritmo das mudanças, característica dos tempos modernos e em contraste com os séculos anteriores de interminável reiteração e letárgica mudança, permitiu que as pessoas observassem e tivessem a experiência pessoal de que as coisas mudam, que já não são como costumavam ser, no decorrer de uma única existência humana.

As revoluções científicas sempre estiveram e estarão presentes em nossa vida. O que nos causa estranheza é a incipiência com que a escola tem participado desses avanços sociais, científicos e humanos, ao demonstrar imensa dificuldade em

---

<sup>5</sup> O termo “Triste fim” faz alusão ao título do romance “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, obra-prima de Lima Barreto, lançado em folhetins entre agosto e outubro de 1911, e posteriormente, em 1915, quando foi definitivamente lançado como obra completa pela Editora Typ.

incorporar a tecnologia digital em seu fazer pedagógico. Sobre a educação moderna, Toffler, na distante década de 1970, dizia que

Mergulhamo-la (a escola) o mais possível no passado do seu país e no do Mundo: tem de estudar a Grécia e Roma antigas, o advento do feudalismo, a Revolução Francesa, etc. A escola é muda acerca do amanhã. A atenção do estudante é orientada pra trás e não para frente. O futuro, já banido da sala de aula, é também banido da sua consciência, como se fosse uma coisa inexistente, como se não houvesse futuro ( TOFFLER, 1970, p. 414-415).

Ao se analisar as necessidades criadas pela indústria, mercado e governos em séculos anteriores, a escola até mudou bastante. Precisou-se de mão-de-obra na Revolução Industrial, precisou-se de arquitetos políticos na Revolução Francesa, o Brasil necessitou de técnicos para o seu crescimento nas décadas de 50 e 60: a escola deu conta e tudo isso transformou sobremaneira a escola, fazendo com que se mostrasse a ponta do iceberg do Paradigma Fabril<sup>6</sup> (TOFFLER, 1970) e a Educação Bancária<sup>7</sup> (FREIRE, 1978), que regem a educação até os dias atuais.

Lima Barreto, de forma sarcástica e assertiva, ao escrever sobre os *bruzundangas*, apresenta críticas a diversos problemas que observara no Brasil do século XIX. Nas palavras destacadas no texto a seguir, Barreto faz referência a problemas no campo da literatura, que o fizeram proferir duras críticas aos escritores da sua época. Todavia, há fortes semelhanças com o cotidiano da pós-graduação nas universidades quando nos referimos a questões relativas a conhecimento, status e ego.

O que caracteriza a literatura daquele país, é uma curiosa escola literária lá conhecida por “Escola Samoieda”. Não que todo o escritor bruzundanguense pertença a semelhante rito literário; os mais pretensiosos, porém, e os que se têm na conta de sacerdotes da Arte, se dizem graduados, diplomados nela. Digo — “caracteriza”, porque, como os senhores verão no correr destas notas, não há na maioria daquela gente uma profundidade de sentimento que a impila a ir ao âmago das cousas que fingem amar, de decifrá-las pelo amor sincero em que as têm, de querê-las totalmente, de absorvê-las. Só querem a aparência das cousas (BARRETO, 1956, p. 44).

Lima Barreto possui uma explicação muito oportuna, aqui repetida, ao relatar sobre aqueles que buscam o ensino superior na seguinte frase: “quando (em

---

<sup>6</sup> Em sua analogia entre escola e fábrica, Toffler aponta alguns problemas da educação, onde a repetição de atos e o cumprimento dos horários de entrada e saída são mais importantes do que a assimilação de algo novo ou a resolução de problemas.

<sup>7</sup> Freire critica a ideologia da educação tecnicista nesta analogia entre a escola e o trabalho burocrático e financeiro das agências bancárias, onde o conhecimento parece ser “depositado” no aluno (que nada sabe) pelo professor (detentor do saber).

geral) vão estudar medicina, não é a medicina que eles pretendem exercer, não é curar, não é ser um grande médico, é ser doutor” (BARRETO, 1956, p. 5).

A crise que o Brasil enfrenta, mais do que política e econômica, é ética. Não justifica dizer que somos descendentes de larápios portugueses, índios preguiçosos e africanos festeiros e que esse caldeirão genético foi um grande desastre para a nova raça que surgiu nos trópicos. Essa genética “ruim” é a mesma que produziu gênios das ciências, aviação, música, medicina, arquitetura, educação... Nós temos potencial para sairmos desse marasmo ético-político-econômico, o que nos falta é poupar nosso tempo das picuinhas, como, por exemplo buscar heróis e bandidos ou supervalorizar divergências. A supervalorização das nossas divergências pode nos levar para o caminho incontornável do desrespeito e da intolerância.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando pensamos em sociedade e sua relação com a história da educação, podemos considerar as críticas sociais que Barreto, na obra “*Os Bruzundangas*”, faz da sociedade brasileira, evidenciando através de uma linguagem satírica e inteligente as mazelas e a hipocrisia que permeavam as relações sociais e políticas da época. O autor cria este lugar fictício, “Bruzundanga”, especificamente na intenção de retratar a realidade do Brasil do início do século passado. Inclusive alguns personagens que aparecem na obra foram inspirados em personalidades políticas da época. O texto narra a sociedade dividida em classes sociais, esta divisão aparece bem clara na história da educação, pois havia uma divisão entre a educação dirigida para a população geral, que era educada para servir à elite, e uma educação que era para as elites, como preparação para o ensino superior que se cursava em Lisboa.

O início do século XX foi marcado pelas inúmeras (trans)formações pelas quais a educação passou e, neste contexto de mudanças, surgem alguns movimentos de inovação que edificam o atual sistema da educação brasileira. Mas, apesar de alguns avanços, é possível afirmar que atravessamos uma crise ético-política sem precedentes e, ao tempo em que acreditamos no poder da educação para a transformação que a sociedade necessita, não sabemos como efetivar mudanças significativas, sequer dentro da própria escola. Há no consciente coletivo brasileiro

uma “tendência” natural para o egoísmo e a busca a todo custo por posições sociais privilegiadas. Por isso, à luz dos estudos de Toffler (1970; 1980) e de Bauman (2000; 2010), filósofos da contemporaneidade, baseamos nossas discussões sobre a sociedade brasileira do momento presente, para desencadear uma crítica de caráter científico, voltada ao papel necessário e desempenhado pela escola, sem fornecer, no entanto, um diagnóstico conclusivo, visto que, como cultura, a sociedade é autoformativa.

Tanto mídia quanto militantes, politizados, partidários de alguma causa ou alienados, têm obrigações muito claras no moderno mundo da informação instantânea e das confrontações ainda mais velozes no que concerne à responsabilização da produção de conhecimento. E, ainda que não se perceba, com a Internet e suas (in)diplomáticas redes sociais como veículo/meio de comunicação massivo e discriminatório, corre-se o risco de estarmos criando um espaço menos de discussão e mais de mediação pessoal ou politização de extremismos — ainda que esses termos sejam opostos em uma mesma frase: política e radicalismo — baseados na liberdade que a pseudo-democratização do acesso forneceu.

Não nos propomos a fazer um histórico nem uma análise epistemológica da palavra, mas “tolerância” é um termo irrisório para o contingente de necessidades que temos para nos humanizar. Tolerar é aceitar tacitamente, consentir; então, nos parece pertinente a síntese, introito e epílogo do processo de convivência: o respeito. O problema é que conhecemos pouco do mundo, apesar das redes de informações instaladas. Segundo Bauman (2010), temos muita informação e pouquíssima formação, porque “somos incompletude”, somos constante transformação. Conhecemos pouco do mundo e ainda assim impomos nossas crenças, gostos, certezas. Impomo-nos como superiores, porque, de fato, nos vemos assim. Dizemos constantemente que somos justos ou buscamos justificar nossos atos. E conseguimos com facilidade, pois nossas lentes de justiça só servem aos nossos olhos.

Respeitar o outro é um exercício de amor à humanidade (FREIRE, 1978) e não a um único ser, porque somos diferentes em nossa forma física e metafísica. Respeitar o outro, não só a sua fé, sexualidade, cor, formação, naturalidade, vestimenta, mas a sua essência. As diversidades são inúmeras e saudáveis dentro da

coletividade heterogênea que forma a humanidade. As diferenças causadas por essas diversidades é o motivo de respeito ao que se destina a reflexão. Identificar as diferenças dos sujeitos dentro de uma coletividade nada mais é do que denunciar uma subjetividade que só diz respeito aos partícipes do processo de interação social. É preciso compreender a extensão ética da responsabilidade que se deve ter consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando *et al.* **O manifesto dos pioneiros da educação nova**. São Paulo: Nacional, 1932. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br>. Acesso em 08 de maio de 2018.

BARRETO, Lima (1917; 1922; 1928). **Os bruzundangas**. São Paulo: Ática, 1998.

BAUMAN, Zygmund. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BAUMAN, Zygmund. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Tradução: Vera Pereira. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BOSSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

FREIRE, Paulo . **Pedagogia do oprimido**. 33. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo . **Pedagogia do oprimido**. Ed Revista. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências da análise do discurso**. São Paulo: Editora Scipione, 2010.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 13. ed. Rio de Janeiro: Cortez, 2003.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

TOFFLER, Alvin. **Choque do futuro**. Tradução: João Távora. 33. ed. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1970.

VIANA, Ana Maria Amorim e FLORÊNCIO, Roberto Remígio. Uma visita a Policarpo. **Contexto Educação**, Petrolina, v. 14, p. 20-22, 2017.

Recebido em: 10/02/2020

Parecer em: 02/03/2020

Aprovado em: 10/04/2020